

O RELATÓRIO TÉCNICO: CIENTÍFICO E ACADÊMICO

INTRODUÇÃO

Um relatório é um documento, no qual se descrevem, sistemática e organicamente, os raciocínios e as atividades acerca de um tema, exigindo operações mentais complexas como organizar, sintetizar, argumentar, analisar, contrapor, justificar, compor e propor, o que o aproxima de um artigo científico¹. Em regra, é constituído por elementos pré-textuais (capa, folha de rosto e anverso da folha de rosto), elementos textuais (introdução, desenvolvimento e conclusão), e elementos pós-textuais (referências, anexo e glossário), variando quanto à forma e conteúdo desses elementos, nas diferentes seções do manuscrito, de acordo com suas finalidades, seu propósito, seu conteúdo e seu público-alvo. Seja qual for ele, o relatório possui um objetivo fundamental, a comunicação, e uma exigência básica, apresentação de informações úteis e pertinentes, escritas de forma clara.

Preocupada com as questões relativas à adequada comunicação e avaliação da produção acadêmica, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), constituiu o Grupo de Trabalho de Produção Técnica (GTPT) que buscou normatizar, entre outros, os critérios para avaliação do que denominou Relatório Técnico Conclusivo-RTC, como subproduto de atividades realizadas no interior dos Programas de Pós-Graduação-PPG's (Brasil, 2019).

Dentro desse contexto, considerando a pouca literatura resultante de pesquisa acerca do tema, o presente trabalho se ocupou de realizar uma reflexão sobre os elementos constituintes da escrita de um relatório técnico, como contribuição à avaliação desses manuscritos, de forma que possam figurar como uma produção capaz de, efetivamente, contribuir para a disseminação do conhecimento, dentro e fora do meio acadêmico.

ELEMENTOS PARA A ESCRITA DE UM RELATÓRIO

As preocupações com uma padronização da avaliação de produtos técnicos e tecnológicos levaram a Capes a constituir o GTPT, que produziu um extenso relatório, do qual faz parte o que denominaram de Relatório Técnico Conclusivo-RTC, assim definido:

Texto elaborado de maneira concisa, contendo informações sobre o projeto/atividade realizado, desde seu planejamento até as conclusões. Indica em seu conteúdo a relevância dos resultados e conclusão em termos de impacto social e/ou econômico e a aplicação do conhecimento produzido (Brasil, 2019, p. 52).

Sob essa denominação, incluem-se, indistintamente, os mais diversos tipos e finalidades de relatórios, tais como:

Relatório de projeto de pesquisa; Relatório de assessoria e consultoria técnica e de auditoria de contratos; Relatório de impacto ambiental ou de obra civil; Relatório de ensaio físico-químico de material ou produto em engenharia, veterinária, química, agronomia, etc.; Relatório de vistoria/avaliação em instituições, órgãos ou serviços públicos e privados (Brasil, 2019, p. 52).

A despeito da diversidade de tipos dos relatórios elencados, percebemos, na definição acima, uma unidade de preocupação com a concisão, aplicação e relevância de seu conteúdo, na direção do

¹ Como deixa claro Savickas (2009), um artigo é um tipo de relatório mais rigoroso, originado de pesquisa acadêmica.

que propõem Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005), para o relatório técnico acadêmico, e Savickas (2009), para um relatório científico de pesquisa.

Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005), em um estudo onde analisaram 83 relatórios acadêmicos de estudantes de dois grupos diferentes do curso de Enfermagem, se valeram de uma metodologia em que foram realizadas duas leituras (na primeira, buscaram tomar conhecimento do conteúdo do trabalho e, na segunda, utilizaram o grifo e as anotações à margem das páginas, para identificar as ideias de cada tópico), organizando os dados brutos em uma tabela de frequência, indicando a proporção de acertos e o grau de significância e comparando os desempenhos entre os dois grupos, por meio do teste de Mann-Whitney (x^2) ou o teste de Fisher. Dentro do que aqui nos interessa, em síntese, as autoras propõem, como parte dos resultados, a necessidade de um relatório possuir as características apresentadas na Figura 1 (Anexo 1). Postulam, ainda, que um relatório agrega informações de várias fontes, para conhecimento de terceiros, e possibilita o enriquecimento dos conceitos subsunçores pessoais de quem o elabora (Soubhia, Ruffino e Dessunti, 2005).

...O conceito subsunçor, para alguns autores⁽¹⁻³⁾, é o conceito que serve de ancoradouro para novas informações que vão sendo incorporadas na estrutura cognitiva do indivíduo, no decorrer da sua história, por meio dos processos de diferenciação progressiva e reconciliação integrativa. À medida que novas informações vão sendo assimiladas, o conceito subsunçor vai-se fortalecendo e tornando-se mais abrangente...(Soubhia, Ruffino e Dessunti, 2005, p. 270)

As postulações de Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005) encontram eco em Pereira (2012), Lima (2013) e Porto e Gurgel (2018), ao discutirem os elementos relativos à escrita de um artigo. Para Lima (2013), “Um bom artigo deve ser escrito com clareza, precisão e fluência, condições essenciais para que os leitores se sintam interessados e sejam capazes de entender o seu conteúdo (p. 51). Pereira (2012) alerta que “A redação científica constitui complexa apresentação de fatos e argumentos, guiada por processo elaborado de raciocínio (p. 26)”

Para Savickas (2009), um bom relatório de pesquisa deve possuir linguagem clara e concisa, acessível a não especialistas, retratando o estado da arte do tema abordado e nível adequado de maturidade da pesquisa, para se constituir como contribuição significativa à área. Em síntese, suas proposições podem ser observadas na Figura 2 (Anexo 2). Além da constatação desejável da presença dos critérios constantes da Figura 2, para o autor, mais algumas características entendidas como erros comuns comprometem a qualidade do relatório. Ainda que tais características possam ser positivadas como critérios junto aos demais, seguiremos a tendência do autor e as enfatizaremos como algo a ser evitado.

Nesse sentido, Savickas (2009) aponta como erros: o empirismo exagerado, destituído de uma fundamentação teórica robusta; a inversão de relações sintáticas e semânticas²; a inclusão de conteúdo de uma seção em outra; a prolixidade do texto, com a inclusão de conteúdo irrelevante, repetido ou alheio ao propósito do estudo e aos resultados; as especulações levianas e sem fundamentos; o reducionismo argumentativo, com a omissão de conteúdo relevante; o uso de expressões primárias e clichês³, bem como a subestimação da capacidade interpretativa do leitor, anunciando, explicitamente, o que pode ser, facilmente, deduzido do texto⁴; a confusão terminológica; a ausência de aceitação ou refutação de hipóteses propostas; a insuficiência de informações para a avaliação e replicação do trabalho; o detalhamento excessivo de métodos padronizados e publicados; a excessiva heterogeneidade da amostra estudada; a ausência de

² *In verbis* “‘Possivelmente se relaciona’ quando deveria ser ‘se relaciona possivelmente’” (p. 08)

³ *In verbis* “‘Reinvenção da roda’” (p. 08)

⁴ *In verbis* “‘O objetivo deste estudo é...’” (p. 08)

clareza sobre o escore dos instrumentos; a inadequação ou descrição insuficiente das análises estatísticas; a existência de figuras e tabelas pouco claras e com insuficiência de informações para sua interpretação; a ausência de informações prometidas no método; as conclusões fundadas em figuras e tabelas, sem adequada descrição textual; e a redundância de informações entre texto, figuras e tabelas. Acerca deste último erro, vale, ainda, o alerta de Porto e Gurgel (2018): “as tabelas resumem um conjunto de observações e devem ser autoexplicativas, sem repetir informações já contidas no texto” (p. 115).

Nessa linha, Lima (2013) apresenta uma referência sobre o que não fazer ao se escrever um artigo (Figura 3-Anexo 3) e define relatório técnico como um manuscrito que “Relata a investigação já realizada e especifica os passos dados, os resultados obtidos, a análise/interpretação dos dados e as conclusões estabelecidas” (p, 58), corroborando vários dos elementos apresentados por Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005) e Savickas (2009) e dando indícios da semelhança entre um relatório e um artigo quanto a diversos aspectos. Assim, um relatório técnico, não muito diferentemente de um artigo científico (Pereira, 2012; Lima, 2013; Porto e Gurgel, 2018), deve ser capaz de convencer o leitor sobre sua verdade, descrevendo e argumentando com clareza e objetividade, seja pela concatenação lógica de suas ideias, seja apoiando essas ideias em uma vivência prática ou na literatura adequada, capazes de dar sustentação ao que é afirmado.

Nesse sentido, trazendo de empréstimo as contribuições de Latour (1987), quando discute a produção de artigos científicos e que bem cabem aqui, o texto de um relatório, qualquer que seja, necessita “empilhar” de forma incremental e parcimoniosa as informações, buscando produzir um impacto positivo sobre o leitor. Para isso, o texto deve ser amigável em sua interlocução, de forma que o autor se dilua em suas linhas e o leitor se reconheça nele, desejando tê-lo escrito. A digestibilidade e fluidez do texto estão, diretamente, ligadas ao estilo e linguagem utilizados e contribui para isso o uso de sintaxes, jargões e termos técnicos adequados ao público a que se destina, na medida do possível, sem se tornar incompreensível para outros públicos. Além disso, necessita prever as possíveis objeções desse leitor, para construir uma argumentação capaz de cerceá-lo por todos os lados pelos quais busque se contrapor, em um raciocínio claro, coerente e bem amarrado.

Merecem destaque especial as preocupações com o título de um manuscrito, dada sua aparente e equivocada simplicidade e sua importância na sedução do leitor. Conforme a ABNT 6023, o título é uma “Palavra, expressão ou frase que designa o assunto ou o conteúdo de um documento” e subtítulo corresponde a “Informações apresentadas em seguida ao título, visando esclarecê-lo ou complementá-lo, de acordo com o conteúdo do documento” (ABNT, 2018, p. 4). Souza (2022), em um trabalho no qual buscou responder a questão “De que maneira os autores têm apresentado os títulos dos trabalhos científicos publicados nos anais do XXI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)?”, analisou 342 títulos, dos quais 67,3% se mostraram adequados, segundo o referencial teórico adotado, que possibilitou a estratificação dos trabalhos analisados em nove classes: 1) título não específico; 2) título afirmativo; 3) título interrogativo; 4) título com fórmulas ou símbolos; 5) título com abreviações; 6) títulos sensacionalistas; 7) títulos com o uso de termos em demasia; 8) títulos contendo a metodologia; e 9) temas no lugar do título.

De forma geral, as expectativas para títulos em trabalhos científicos dialogam com as proposições para títulos em relatórios, conforme observamos em Souza (2022), Savickas (2009) e Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005), e coincidem quanto à necessidade de que sejam precisos, completos, concisos, objetivos, informativos e específicos, possuindo entre dez e vinte palavras, sem sensacionalismos, palavras de efeito, descrição metodológica, ilusões, abreviações, equações, símbolos, interrogações, afirmações, exclamações, ponto-final, vírgulas ou aspas. Quanto às características da escrita científica, Souza (2022) também apresenta a necessidade de padronização, clareza, objetividade, precisão, acessibilidade e simplicidade, indo ao encontro do

que podemos esperar para a escrita de relatórios. Depreendemos, ainda, de Souza (2022) que a função da escrita científica também coincide com a função do relatório: comunicação útil, clara e direta.

Encaminhando-nos para a finalização, há que se ressaltar que, para Savickas (2009), a seção “Conclusão” – para alguns melhor definida como “Considerações Finais” –, encontra-se subsumida à seção “Desenvolvimento/Discussão”, enquanto para Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005) é uma seção à parte. Por sua vez, Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005) apresentam a seção “Desenvolvimento” como um bloco único, enquanto Savickas (2009) a discrimina em “Método”, “Resultados” e “Discussão”, adentrando os pormenores de cada uma dessas subseções. Contudo, mais que diferenças, observamos em Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005) e Savickas (2009) semelhanças e complementaridades quanto ao que se esperar de um relatório, com um detalhamento maior neste último, ainda que com severas limitações argumentativas em seu texto original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que um relatório técnico científico e um relatório técnico acadêmico – ainda que possam haver áreas de intersecção entre ambos, que produzam um tipo híbrido – diferem entre si em relação à origem do conteúdo (o primeiro, a pesquisa metódica; o segundo, o relato de uma vivência acadêmica, que pode ou não ser fruto de pesquisa) e à sua finalidade (o primeiro, a comunicação de achados de pesquisa a terceiros; o segundo, o enriquecimento cognitivo pessoal do autor). E, nos limites estabelecidos pela cultura científica dentro da área em questão, ambos pouco diferem da estrutura e conteúdo previstos para um artigo científico, devendo haver similitude na avaliação da qualidade para os três gêneros, em termos de critérios de objetividade, concisão, clareza, parcimônia, precisão, organicidade, utilidade, ética, formalismo técnico, correspondência teórico-prática, coerência argumentativa, rigor linguístico-gramatical e validade das conclusões.

Nesse sentido, a maior diferença entre eles é a ausência, nos dois primeiros, do rigor de uma revisão por pares, cuja ocorrência oferta uma qualificação *a priori* e desonera o avaliador da necessidade de avaliar e relativizar a qualidade do manuscrito, segundo critérios próprios. Assim, observamos pertinência nas preocupações da Capes, materializadas em seu relatório sobre produtos técnicos a ser utilizado como referência à avaliação de relatórios técnicos, o que possibilita a padronização de conduta dos avaliadores.

Acreditamos que haja amplo espaço para novas e pertinentes considerações, dada a pequena amplitude do referencial bibliográfico selecionado e originado de pesquisa atual, para além dos manuais de redação. Sugerimos a realização de maiores estudos empíricos e específicos sobre tema, a fim de que seja possível estabelecermos critérios e indicadores precisos de qualidade capazes de orientar a tarefa de avaliação de relatórios, como um elemento capaz de contribuir, efetivamente, para a divulgação do conhecimento de forma segura, clara e útil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.normasabnt.org/abnt-nbr-6023>. Acesso em: 27Out2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Produção Técnica-Grupo de Trabalho. Relatório. Brasília, 2019. Disponível em : <http://www.capes.gov.br/pt/relatoriostecnicos-dav>. Acesso em 01Dez2022.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1987]. Tradução de Ivone Benedetti

LIMA, Margarida. Conceção, redação e publicação de artigos científicos: Conceção de artigos científicos. *Revista de Pediatria do Centro Hospitalar do Porto*, 22(1):50-59, 2013.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PORTO, Flávia; GURGEL, Jonas Lírio. Sugestão de roteiro para avaliação de um artigo científico. *Rev Bras Ciênc Esporte*, 40(2):111-116, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbce/a/R9tpwBqLnsZt3kmr6w6hRtR/?lang=pt>. Acesso em 13Nov2022.

SAVICKAS, Mark L. Como redigir um relatório de pesquisa: finalidades e problemas em artigos científicos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1):7-10, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203014934003.pdf>. Acesso em 03Out2022.

SOUBHIA, Zeneide; RUFFINO, Márcia Caron; DESSUNTI, Elma Mathias. Relatório de Atividade Acadêmica como Recurso de Aprendizagem da Pesquisa. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 13(2):269-73, 2005. Disponível em www.eerp.usp.br/rlae. Acesso em 03Out2022.

SOUZA, M. A pesquisa científica e seus títulos. *Revista Conhecimento em Ação*, 7(1):3-23, 2022. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/52267>. Acesso em 13Nov2022.

ANEXO 1

FORMA	Título	Introdução	Desenvolvimento	Conclusão	Referências
CRITÉRIOS DE QUALIDADE	Clareza	Apresentação do tema	Contraste de literatura	Brevidade	Presença no texto
		Definições conceituais	Argumentação crítica propositiva	Clareza	Especificidade
	Concisão	Delimitação do problema	Fundamentação teórica assertiva	Objetividade	Pertinência
		Estimulação à leitura	Justificação de posicionamentos	Fechamento de raciocínios	Atualidade
	Concretude	Justificativa do trabalho	Dialética teórico-prática	Proposição de desdobramentos	Obediência a normas técnicas
		Definição de objetivos	Descrição de processos e resultados	Relação entre literatura, objetivos e resultados	
	Criatividade	Introdução ao desenvolvimento			

Figura 1: Estrutura e critérios de qualidade de um relatório acadêmico. Elaboração própria. Fonte: Soubhia, Ruffino e Dessunti (2005).

ANEXO 2

FORMA	Título	Introdução	Desenvolvimento			Referências
CRITÉRIOS DE QUALIDADE			Método	Resultados	Discussão	
	Presença de palavras-chave	Justificativa do trabalho	Clareza do método, objeto e variáveis de pesquisa	Descrição completa de resultados ⁵	Contraste de literatura	Atualidade
	Concisão e objetividade	Definição de objetivos e finalidades	Explicitação de aspectos éticos, conveniências, vieses e conflitos de interesse	Presença de respostas a todas as perguntas formuladas	Ênfase a achados importantes	Parcimônia
	Informativo do conteúdo e natureza do artigo	Descrição da hipótese/pergunta e sua origem	Validade e confiabilidade de instrumentos e procedimentos	Ilustração dos dados clara e adequada à compreensão	Apresentação de explicações alternativas aos resultados	Necessidade
	Ausência de questão retórica e chistes	Contexto e origens do problema	Coerência entre hipóteses e medidas de pesquisa	Apresentação dos testes de significância	Relação entre resultados e hipóteses	Relevância
		Delimitação do problema	Significância da amostra/material de pesquisa	Explicitação da importância e do impacto dos achados	Implicações teórico-práticas do resultado	Utilidade
		Expectativas sobre a resolução do problema	Descrição e fundamentação da coleta de dados	Indicação das limitações do método	Apresentação e interpretação de conclusões	Acessibilidade
		Apresentação sucinta de pesquisas prévias			Limitações do estudo em relação ao ideal	Legitimidade
					Confiança estimada e restrições das conclusões	Confiabilidade
					Sugestão de procedimentos metodológicos e agenda de pesquisa	Precisão

Figura 2: Estrutura e critérios de qualidade de um relatório científico. Elaboração própria. Fonte: Savickas (2009).

⁵ Significativos e não-significativos, positivos ou negativos.

ANEXO 3

• Frases demasiado longas.
• Conversa redundante.
• Informação supérflua.
• Ideias não estruturadas.
• Erros ortográficos ou gramaticais.
• Uso de abreviaturas sem pré-definição.
• Não utilização de abreviaturas pré-definidas.
• Tradução ou cópia literal.
• Imagens e/ou tabelas ilegíveis e/ou sem legenda adequada.
• Duplicação de informação (texto, tabelas e figuras).
• Discussão dos resultados na secção “Resultados”.
• Apresentação de resultados na secção “Discussão”.
• Introdução e Discussão que parecem revisões da literatura.
• Citações que não constam na lista de referências.
• Referências que não são citadas no texto.
• Erros de citação/referenciação.
• Falta de normalização das referências.

Figura 3: Pecados capitais na redação de artigos científicos (Lima 2013, p. 58)